

Cultura Um retrato da pesca do cerco de norte a sul de Portugal

A pesca da sardinha para lá da euforia das festas e do pesar dos naufrágios

Obra de Helder Luís retrata com minúcia, apoiada em fotografia, texto, infografia e ilustração, o “sem fim” da pesca do cerco em Portugal, a partir da frota da Póvoa de Varzim e de Vila do Conde

Abel Coentrão

Foi o fogo, às labaredas, que o empurrou para o mar, confessa sem pudor Helder Luís. Natural da Póvoa de Varzim, histórica comunidade piscatória do Norte do país, este designer, artista multimédia, músico e, mais recentemente, fotógrafo regressou à costa após os incêndios de 2017 lhe terem destruído uma vida no campo. E encontrou no Atlântico, e na pesca, um refúgio do qual ainda não saiu. *Sardinha, o sem fim da Pesca do Cerco* é o terceiro andamento desta nova etapa: um livro de fotografia, ou nem por isso, pois não se contenta com o olhar do fotógrafo que ao longo de quatro anos navegou com os pescadores para o criar.

Em 2018, a tragédia ainda estava bem marcada, mas o mar era já uma presença na vida de Helder Luís, que montava, então, uma instalação intitulada precisamente *Mar* na Capela de Serralves, no Porto. A imersiva criação em vídeo levava-o a embarcar para captação de imagem e som, experiência que acabou por definir desde então o seu percurso artístico, principalmente enquanto fotógrafo e designer. Poucos meses depois, atirava-se a uma viagem até aos Açores, numa embarcação cujo nome, juntamente com o casco de um intenso vermelho, lhe atraíram

um dia a atenção, no porto da Póvoa de Varzim.

Atlântico, o livro e a exposição homónima, foram o primeiro resultado dessa vontade – ou, mais do que isso, dessa necessidade – de sair para mar aberto. Que se concretizaram na viagem de regresso a Ponta Delgada do *Iris do Mar*, imponente barco de um armador natural do lugar vizinho das Caxinas (Vila do Conde), radicado em São Miguel, e numa outra saída de vários dias, com os homens de José Manuel Flores Marques, na pesca com linhas e anzol na imensidão do mar dos Açores. O projecto foi editado no âmbito de uma residência artística apoiada pelo município da Póvoa de Varzim. Quando foi lançado, em 2020, já Helder Luís levava horas e horas embarcado em traineiras do cerco, o tema do segundo livro enquadrado nesta residência: este que agora chega às livrarias, e que há-de ser também, ainda este ano, uma exposição.

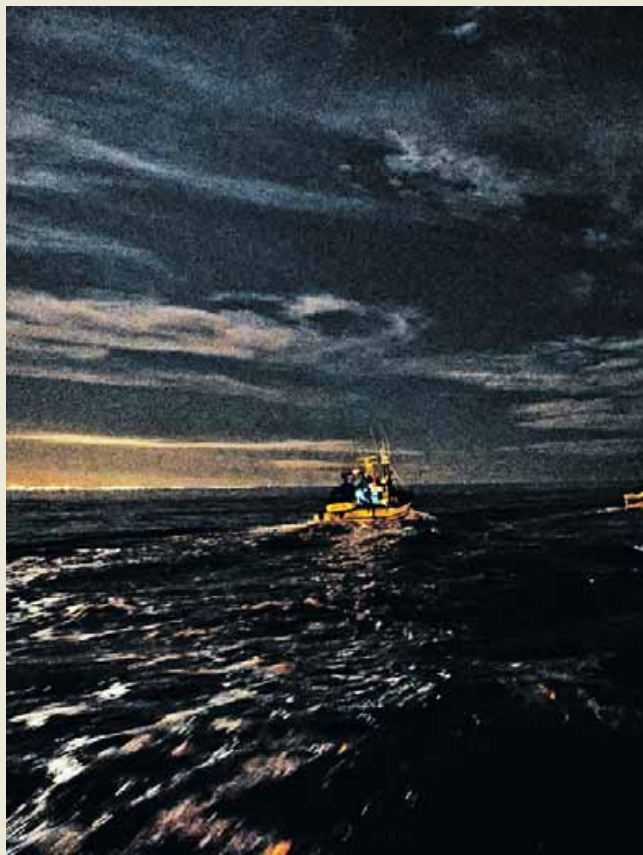
O tempo de trabalho, o tipo de pesca e os locais, no mar e em terra, onde esta se realiza e busca abrigo ditam as diferentes abordagens dos dois projectos. Se no primeiro Helder Luís quase se fecha no barco e no que dele se abarca do trabalho humano e do Atlântico, em *Sardinha* os quatro anos de convívio com múltiplas embarcações e respectivos mestres e companhias revelaram-lhe um sem-fim de aspectos que desconhecia e, desde logo, mostraram-lhe que um livro que

partia da Póvoa de Varzim/Vila do Conde e dos seus pescadores acabaria por ter de ser sobre a pesca do cerco em todo o país. A mobilidade destes seres pelágicos, ao longo do ano e ao longo da costa, leva a frota poveira e vila-condense a perseguir os cardumes até ao Algarve, se for preciso.

Entre a boca e o coração

O peixe e a mobilidade que ele induz mudaram então o rumo do projecto. Levaram-no a outros portos e abriram-lhe portas a um contacto mais próximo com as tripulações que, afastadas de casa, passam mais tempo juntas, no barco ou nos armazéns onde comem e dormem. Um convívio que Helder Luís partilhou e que documenta num dos mais interessantes capítulos do livro, *Longe de casa*. Mas também lhe deu oportunidade para sair da escuridão “reverenciada” da noite, na qual operam os do Norte quando saem da Póvoa ou de Matosinhos, por exemplo, para experimentar e captar com outras cores a alegre e “descontraída” saída diurna de Peniche, que junta a frota às 14h em ponto.

Este *Sardinha* navega, assim, entre a noite e o dia; entre o descanso que abre sorrisos aos pescadores, e o labor que lhes fecha os rostos pedindo força e solidariedade nos gestos; entre as tarefas de terra à volta do instrumento de trabalho mais precioso, a rede e a pesca no mar, onde



aquele às vezes se parte, no combate com o cardume, estragando-lhes o dia; entre saídas plenas de sucesso, e outras em que o peixe, fugidivo, fintou a tecnologia omnipresente a bordo e o jeito, ainda imprescindível, dos mestres de traineira; entre o empirismo de gente que aprendeu muito do que sabe com os pais, e a ciência, que já faz parte deste trabalho e condiciona as possibilidades de captura, num esforço concertado de preservação da sardinha que deu bons resultados nos últimos anos.

Como uma escama gigante, reluzente, o livro de Helder Luís reflecte em detalhe, ao longo de mais de 300 páginas, o quotidiano de milhares de

homens cujas vidas dependem destes pequenos peixes omnipresentes, há séculos, no nosso mar, na nossa história, na nossa economia e na nossa gastronomia. Mas, como bem assinala o académico Álvaro Garrido, especialista em Economia das Pescas, num dos textos que acompanham a obra, esta é uma “saga humana pouco mais do que invisível”. Uma saga que – como o resto da pesca artesanal costeira e polivalente do país – só é lembrada, prossegue Garrido, “quando, ciclicamente, há notícia de naufrágios e vidas perdidas no mar ou quando se reabrem debates efémeros sobre a escassez de recursos”.

Portugal é um país de mar, gritando

FOTOS: HELDER LUÍS



a plenos pulmões a sua vontade de alargar horizontes, mas, como o mesmo docente da Universidade de Coimbra lembrava, numa entrevista ao PÚBLICO a propósito de um dos seus livros, o país sofre um “encantamento tecnocrata com a economia azul” em que as pescas, apesar de toda a sua evolução, não têm quase lugar político ou simbólico. A sorte da sardinha, e dos seus pescadores, é que ainda há os dias festivos, os dos Santos Populares, que atraem o jornalismo à faina, para reportagens que se repetem nos gestos e nas motivações, ano após ano. Fora disso, é pouco mais do que um bem transaccionável, fresco ou em conserva – e aqui motor de sucesso de uma outra indústria, pujante. Um peixe que mantemos perto da boca, mas longe do coração.

É por isso de assinalar o esforço de desocultação de um modo de vida, nos seus mais ínfimos meandros, em que Helder Luís se empenhou e que pretende prosseguir, ainda com mais minúcia, no seu próximo projecto, *Sete Vidas, Sete Barcos, Sete Mares*, dedicado a outras artes de pesca. Este *Sardinha* respira todo esse tempo vivido no mar, todas as viagens realizadas – às vezes para nada fotografar, confessa. Não será a obra definitiva sobre o cerco, sempre capturável a partir de outras perspectivas, mas a própria organização do livro tenta pouco deixar de fora, percorrendo todos os momentos deste quotidiano, desde a saída de casa ao regresso, às vezes após uma semana ou duas.

Um livro didáctico

Tal como a sardinha, título-metonímia para uma técnica, a da pesca do cerco, que se confunde com a espécie *Sardina pilchardus* mas abarca, ao longo do ano, a captura de cardumes de outros pequenos peixes pelágicos como o valioso biqueirão (*Engraulis encrasicolus*), o carapau-branco (*Trachurus*)

Sardinha, o sem fim da Pesca do Cerco resulta da experiência acumulada em quatro anos a bordo de múltiplas traineiras — e se o autor planeava cingir-se às frotas da Póvoa de Varzim e de Vila do Conde, rapidamente deu por si a estender o projecto a toda a costa do país

trachurus), a cavala (*Scomber colias*) e a sua prima sarda (*Scomber scombrus*), este trabalho de Helder Luís também é bem mais do que um livro de fotografia documental. E assume sem receio, com recurso a outras ferramentas, uma intenção didáctica.

O autor diz ter desde a infância um fascínio pelos livros da conhecida chancela Dorling Kindersley, a famosa DK. E, cercado por dúvidas, por perguntas às quais procurou dar respostas com a ajuda dos seus companheiros de viagem, acabou por salpicar a obra com textos e legendas minuciosamente explicativas. Recorreu ainda à sua via de designer para espalhar pelo livro dados e infografias sobre a economia desta pesca, sobre a costa, sobre os vários tipos (e dimensões) de barcos, e sobre a forma como estes fazem o cerco ao peixe. A isto acrescentou ilustrações de Pedro Salgado, biólogo marinho e provavelmente o melhor ilustrador científico português da actualidade.

Todo este conteúdo – revisto pela também bióloga marinha Diana Feijó, do Instituto Português do Mar e da Atmosfera – e a opção, consciente, por algumas imagens que entram no livro pela informação que trazem, mais do que pelas suas “qualidades estéticas”, talvez retirem a *Sardinha*, como o próprio assume sem lamento, uma potencial carga artística. Uma abordagem que uma saga como esta também poderia inspirar e que seria

normal esperar de alguém que se move noutros domínios da criação autoral. Mas o que possa faltar ao livro no que toca a fotografias plenas do *punctum* barthesiano, performativas de *per se*, tem como contraponto a sofisticação informativa, pelo cuidado próprio de um perfeccionista que segue o trabalho desde o computador à saída da gráfica.

Para quem se interessa pela cultura marítima; para os pescadores que, no passado sábado, folheavam orgulhosos o livro no antigo café tornado biblioteca a poucos metros do porto da Póvoa, onde foi lançado; para Álvaro Garrido, que conhece este universo, a partir de terra, como poucos em Portugal; ou para a Póvoa, cidade que é cada vez menos piscatória por força do declínio da pesca, e onde há cada vez menos portugueses a embarcar na frota local, este equilíbrio entre a subjectividade autoral e a vontade de dar a conhecer, em detalhe, a pesca do cerco dignifica-a. Sem heroicizar os seus protagonistas.

Por coincidência, este texto foi escrito no dia em que os poveiros assinalam a sua maior tragédia marítima, a de 27 de Fevereiro de 1892. Curiosamente, foi a partir dela, e da necessidade de conseguir identificar os naufrágios que davam à costa, às vezes longe dos seus portos de origem, que a documentação fotográfica dos rostos de pescadores se tornou corrente, para efeitos administrativos. Muitos dos descendentes desses homens pelos quais o país se enlutou então são rostos deste livro que captura, para memória futura, o sem-fim de uma pesca em acelerada mudança.

Jornalista e presidente da Bind'Ó Peixe; co-autor com Helder Luís de Na Língua da Maré, a lançar brevemente

